Jesus, os pobres e a salvação

Maria Lima de Carvalho[1]
Miguéias Pascoal Lima de Carvalho[2]

Resumo

Neste artigo, desejamos compreender a intrínseca relação de Jesus de Nazaré com os pobres e como a ação salvífica de Deus se manifesta no meio deles, fazendo-os como essenciais na dinâmica do Reino e como referenciais. Durante toda a vida de Jesus, suas opções, escolhas, vontades e sentimentos estavam voltados para a realização da vontade do Pai, ou seja, instaurar o Reino de Deus. A missão de Jesus é anunciar este Reino que começa preferencialmente pelos pobres, pois são seus escolhidos para receberem por primeiro o anúncio e serem salvos. Neste sentido, falamos de pobres como uma grande categoria de pessoas que são privadas de sua dignidade, liberdade e de serem amadas.

Palavras-chave: Jesus Cristo. Pobres. Reino de Deus. Salvação.

Introdução

Não temos dúvidas que, na missão de Jesus, os pobres foram privilegiados. Basta-nos olhar para sua aproximação com os leprosos, cobradores de impostos, prostitutas, viúvas, órfãos, coxos, cegos, mendigos, e todos aqueles que eram marginalizados e tratados com desprezo.

A Igreja, para viver a fidelidade a Jesus de Nazaré, o Cristo, precisa estar enraizada nestas mesmas vontades do mestre. Olhar para os pobres como espaço, lugar e teologia, caminho de salvação. Hoje, somos convocados a não nos desviarmos do Evangelho, mas a penetrar essa realidade e fazer da missão de Cristo nossa missão. Jesus denuncia a injustiça, que já provinha de muito tempo. Os

[1] Bacharela em Psicologia pela Faculdade Santa Maria em Cajazeiras/PB (2019). Marialimadecarvalho1975@gmail.com
[2] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Especialista em Missiologia pelo Instituto São Tomás de Aquino em Belo Horizonte/MG. Bacharel em Teologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte – FCRN. Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN (2014). miqueiaspascoal@gmail.com

ricos oprimiam os mais pobres em Israel, e Amós fará dura crítica a este sistema social e religioso que oprimia o povo (Am 5,21-27). Como também, o profeta Sofonias apresenta os pobres como caminho e o único caminho possível de uma verdadeira transformação e salvação do povo.

Sem dúvidas, o seguimento a Jesus de Nazaré não é possível fora deste programa: anunciar aos pobres o Evangelho, a salvação, a libertação, e primordialmente, ser pobre. Não se pode pensar um cristianismo fora dos pobres, sem com isso diferir do programa de vida apresentado e vivido por Jesus de Nazaré. Olhando a práxis de vida de Jesus, nós, discípulos, devemos buscar segui-lo com fidelidade, fazendo, portanto, de nossa vida uma "imitação" daquilo que Ele viveu.

1 Jesus de Nazaré olha para os pobres

Quando conhecemos a vida de Jesus, a partir do evangelho, entendemos sua escolha pelos pobres como realidade do Reino de Deus. A Galileia estava repleta de pobres. Podemos falar do pobre como aqueles que estavam à margem, pois padeciam das condições básicas de vida e de dignidade.

> Os evangelhos se referem às pessoas para quem Jesus voltou sua atenção por meio de várias expressões: os pobres, os cegos, os coxos, os aleijados, os leprosos, os famintos, os miseráveis (aqueles que choram), pecadores, prostitutas, coletores de impostos, endemoninhados (aqueles que estavam possuídos por demônios impuros), os perseguidos, os esmagados, os cativos, todos os que labutam e estão sobrecarregados, a ralé que não conhecia nada da lei, as multidões, os pequenos, os que são menos que nada, os últimos e as criancinhas ou as ovelhas perdidas da casa de Israel (NOLAN, 1987, p. 39-40).

Ora, são muitos os que eram pobres. Todos estes eram humilhados, excluídos, tratados como seres inferiores sendo privados das relações humanas. Não é à toa que Jesus de Nazaré se voltará para eles, pois estão desacreditados, desvalidos, sem esperança, e sem ninguém por eles. Ora, quem os defendia? ninguém! A religião acusava a muitos de sua situação ser consequência do pecado.

O Império Romano não via valor no pobre. É Jesus de Nazaré que vem e apresenta o Reino de Deus como realidade para este povo. Deus é bom e revela

plenamente, colocando-se ao lado dos pobres. "A bondade de Deus se concretiza em Deus estar a favor da vida dos pobres, amar com ternura os privados de vida, identificar-se com as vítimas deste mundo" (SOBRINO, 1994, p. 23). Isso faz de Deus parcial. Parece contraditório, mas Deus revela-se parcial. "Cremos, pois, num Deus bom e parcial. E isto, tão difícil de aceitar em outros lugares, torna-se aqui muito claro e se descobre na Escritura" (SOBRINO, 1994, p. 23).

Essas pessoas eram desprezadas. Sofriam não só a fome, mas a dignidade lhes era roubada (cf. NOLAN, 1987, p. 41). Suas relações eram privadas, não podiam interagir, nem mesmo viver sua fé dentro dos espaços que se encontravam os puros, como se julgavam os homens do templo, como podemos ver em Lc 18,9-14. Os pobres eram privados de cargos, seus testemunhos não eram válidos. Podemos ver que era muito difícil um pobre sair da condição de pobre, pois todas as estruturas sociais e religiosas os impediam de qualquer relação, fazendo assim, serem mergulhados cada vez mais numa vida de pobreza e marginalidade. A Igreja de Jesus é convidada a transformar essa realidade e a colocar o pobre no centro de sua ação. Os pobres devem estar no centro da sua evangelização, pois sem eles não têm Evangelho.

> Isso significa que os pobres são o autêntico lugar teológico da compreensão da verdade e da práxis cristã, e por isso também da constituição da Igreja. Os pobres são os que levantam para a Igreja o problema teológico fundamental e também a direção de sua solução, porque os pobres levantam a questão de *buscar* a Deus, sem pressupor que a Igreja o possua de uma vez para sempre, e lhe oferece o lugar para encontra-lo (SOBRINO, 1982, p. 102-103).

Por isso, Jesus é categórico e se põe em defesa deles. Declara que o Reino de Deus é para os pobres (PAGOLA, 2014, p.130). Poderíamos simplesmente nos perguntarmos por que Deus quis assim, que os pobres fossem privilegiados. Ora, não é exclusão de Deus aos outros, mas é uma parcialidade por amor ao mundo, por querer ver a justiça se instalar. Não cabe dizer se os pobres têm privilégios, mas Deus olha a partir da justiça.

"O que torna os pobres depositários do Reino é sua própria condição de Pobreza. Diante do abandono e da injustiça cometidos pelos seres humanos [...]" (VIGIL, 2007, p. 62). Se ninguém é por eles, Deus os coloca na condição de preferidos, Deus os ama, os acolhe para realizar a justiça e fazer assim, com que

seu Reino possa ser vivenciado. São muitos, como vimos os grupos que eram pobres. Certamente podemos falar que existia uma grande parte da população que era marginalizada, excluída, oprimida, castigada, deserdada, os então chamados de pobres, pois estavam a margem dos prestígios sociais.

2 A misericórdia de Deus manifestada em Jesus são pobres

Neste contexto, em que a sociedade e religião fazia existir os pobres, Jesus é movido por compaixão e se lança no meio deles. Certamente, Jesus não era um pobre miserável (NORLAN, 1987, p.48), mas sua compaixão fez dele um pobre no meio dos outros. É esse estar com eles que fará de Jesus o defensor dos pobres. Quando Jesus anuncia a eles o Reino de Deus não os faz de forma passiva, silenciosa, mas os convida à festa (Lc 14,21), e dá gratuitamente o Reino a eles. Em Mt 5,1-3, Mt 25,31-46, Lc 4,18 não é difícil constatar a ação salvífica de Deus em favor dos pobres.

Jesus não se acomoda ou se conforma em ver a situação do povo, Ele precisa agir. O sentir compaixão fez parte da missão de Jesus. Suas entranhas se comovem. Essa expressão é muito forte, pois implica dizer que todo seu Ser se move em favor dos outros, no caso os pobres, dando assim novo teor ao termo compaixão, ultrapassando todas as compreensões, pois seu amor é incondicional.

> O que tornou diferente o bom samaritano da parábola foi a compaixão que sentiu pelo homem deixado à beira da estrada (Lc 10,33). O que tornou diferente o pai amoroso da parábola foi o excesso de compaixão que sentiu por seu filho pródigo (Lc 15,20). O que tornou Jesus diferente foi a compaixão sem limites que ele sentiu pelos pobres e pelos oprimidos (NORLAN, 1987, p. 49).

Faz-nos superar até mesmo uma mentalidade de um Deus vingativo e castigador. Jesus nos revela a compaixão de Deus. Ao longo de seu Evangelho encontramos Jesus sendo movido por compaixão. Os pobres foram os receptores dessa compaixão, aqui entendemos a grandeza da opção de Jesus, pois o que Ele tem de mais valioso é destinado aos pobres. É importante destacar que o pobre, ao qual nos referimos, é todo aquele excluído, marginalizado que consequentemente sofre economicamente.

É muito perigoso falar do pobre na missão de Jesus somente na classe econômica, mas muito mais perigoso é fugir desta realidade e falar do pobre somente na dimensão espiritual. Sem dúvidas, foram e ainda são riscos e deturpações dentro do evangelho que corremos de dicotomizar e/ou relativizar a condição de pobreza. Jesus é em favor daqueles que são excluídos, marginalizados, nisso o cântico de Maria, em Lc 1,47-55, nos ajuda a entender como Deus olha para os humildes, pobres e abandonados. Jesus sempre parte da misericórdia. "A misericórdia não é a única coisa que Jesus exercita, mas é o que está em sua origem e o que configura toda sua vida, sua missão e seu destino" (SOBRINO, 1994, p. 37).

Jesus sempre se compadece, e todo aquele que tem sua dignidade ferida é pobre, pois foi tirado sua própria capacidade e liberdade de ser humano. Jesus não se conforma com tal estrutura e vem para favorecer e dar vida a todos e vida em abundância (Jo 10,10). E todos estes que se encaixam na categoria de pobres, acabam sofrendo da pobreza econômica, pois sofrem rejeições em todas as dimensões da sociedade. Neste sentido, mesmo que nos refiramos ao pobre como uma categoria de pessoas em diversas situações, a pobreza na condição econômica, sempre será paradigma para a ação de Jesus.

> Diz-se que, na leitura do evangelho ou da bíblia, os fiéis devem interessar-se só pelo nível espiritual-religioso. Isso é imaginável numa concepção do ser humano completo, porque ele não é só espírito ou corporeidade, mas um ser físico-espiritual ou pessoal-corpóreo, na qual a dimensão religiosa comporta um conjunto de valores e certa quantidade de bens. Os três aspectos são interligados. É impossível, fazer um discurso religioso-espiritual sobre a pobreza, sem levar em conta o contexto cultural, social e, por último, econômico (FABRIS, 1991, p. 10).

Para oferecer esta vida a todos como realização do projeto de Deus, Jesus quebra as barreiras, rompe estruturas e leis do judaísmo que não correspondiam com a vida, pois estavam presos a ritualismos que não faziam chegar à vida, mas pelo contrário, impediam de viver com dignidade.

Por isso, se referindo à passagem de Lc 4, encontramos Jesus que se declara o messias e que assume a causa dos pobres e "[...] Num sábado qualquer, em Nazaré, Jesus diz que essa passagem da Escritura se cumpre Nele [...]" (VIGIL,

2007, p. 60). Ora, Nele a vontade de Deus se torna presente e real. Os pobres agora serão acolhidos, e a eles a Boa nova será anunciada, eles serão os preferidos, pois Jesus foi enviado para anunciar aos pobres o Reino Deus.

A vontade de Deus, a sua misericórdia é para os pobres, "Deus manifesta sua misericórdia pelos pobres [...]" (VIGIL, 2007, p. 60). Eles são o caminho, a forma de entender o querer de Deus para humanidade.

> Os pobres não são apenas objeto de compaixão e de assistencialismo, nem somente vítimas do pecado estrutural que exigem justiça. São algo mais; são um ponto focal básico para a teologia, pois a eles foram revelados, de forma especial, os mistérios do Reino, ocultos aos sábios e prudentes deste mundo. [...] Não se trata de substituir o lugar eclesial da fé pelos pobres, mas de considerá-los como lugar hermenêutico e social para ler a revelação da Escritura e da Tradição eclesial (VIGIL, 2007, p. 72).

Os pobres devem ser entendidos como lugar teológico da Igreja. Faz-nos quebrar a mentalidade de que são nossos objetos de salvação, como por muito tempo se entendeu. Olhávamos para os pobres como meio de salvação, porque fazendo caridade, dando assistencialismo ganharíamos o céu.

Sofonias ajuda-nos a entender o valor e a força libertadora dos pobres (RIBLA, 1989, n. 3, p. 26.). "O ato de conversão indica como a nova práxis é o encontro da presença de Yahweh que se manifesta no modelo social determinado pela justiça e pela pobreza. O Deus da justiça manifesta-se na práxis dos pobres da terra" (RIBLA, 1989, n. 3, p. 28).

Na perspectiva de Jesus não se usa os pobres, mas os ama, acolhe, eleva-os à dignidade de seres que se relacionam, contribuem para um mundo melhor, os pobres são reintegrados ao mundo por meio da justiça. Quando a justiça se estabelece, o Reino de Deus se torna possível, real e visível. Se olhamos para os pobres nesta perspectiva, se tornam caminho de salvação, não instrumentos.

O magistério pontifício de Francisco e, sobretudo, sua vida nos dão muitos elementos para lançar mão numa reflexão para nosso século: uma Igreja livre, aberta, acolhedora, serviçal que vai ao encontro do outro, encontrando em Jesus modelo e sentido de ser cristão

> Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma "forma especial de primado na prática da

> caridade cristã, testemunhada por toda tradição da Igreja. [...] Por isso, desejo uma Igreja pobre e para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensos fidei,* nas suas próprias dores conhecem o Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles [...], não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles. (EG, n. 198).

Esse pensamento do Papa Francisco, um pouco por vez, convida a um voltar a Jesus de Nazaré, a não olhar para o pobre como objeto, pelo contrário, a olhá-lo como um sujeito capaz, um ser de esperança.

Considerações finais

Diante de nossa pesquisa, não podemos esquecer as opções, as vontades, a vida de Jesus de Nazaré, e onde se inseriu para falar do Reino. Por isso, o seguidor de Jesus não pode esquecer da opção pelos pobres, como não deve esquecer de ser pobre, condição que faz todo um diferencial no ser discípulo de Jesus. Não basta falar do pobre, não basta ajudá-lo, mas é preciso se inserir, ser como eles, para com eles transformar as realidades injustas.

Certamente, quando apenas fala dos pobres, e não se faz pobre, corre-se o risco de ter os pobres apenas como objeto da reflexão da Igreja. No entanto, conforme a parcialidade de Jesus, os pobres não são objetos, mas sujeitos ativos, construtores do Reino de Deus. O Documento de Aparecida nos afirma: "a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza" (n. 392). Fazer-se pobre com os pobres é abrir-se ao discipulado a Jesus, reconhecendo seu Reino como a salvação.

A opção de se fazer pobre é também fruto da fé, portanto ao aderir a Jesus de Nazaré, faz-se opção também pelas suas escolhas. O fato é que os pobres estão implícitos na fé cristã de tal modo que os pobres que encontramos no mundo de hoje, devem refletir o rosto do Cristo sofredor. Essa expressão nos lança a radicalidade da nossa opção por Jesus e consequentemente da opção de Jesus pelos pobres, portanto, da nossa opção pelos pobres na parcialidade de Jesus.

Referências

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2004.

FABRIS, Rinaldo. **A Opção pelos pobres na Bíblia**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

FRANCISCO. **Evangelii gaudium.** Exortação apostólica. São Paulo: Paulinas, 2013.

NORLAN, Albert. **Jesus antes do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1987.

PAGOLA, J. Antonio. **Jesus: aproximação histórica**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SOBRINO, Jon. **Ressurreição da Verdadeira Igreja**. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo, Loyola, 1981.

REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA. **A opção pelos Pobres como critério de interpretação**. São Paulo: Vozes, 1989. Nº 3.

SOBRINO, Jon. **O princípio misericórdia**: descer da cruz os crucificados. Petrópolis: Vozes, 1994.

VIGIL, José Maria. **Descer da cruz os pobres**: Cristologia da libertação: Comissão Teológica Internacional, Associação de Teólogos do Terceiro Mundo. São Paulo: Paulinas, 2007.